



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OSMAR DZIEKANIAKI RODRIGUES

[CARECA DA MÁQUINA]

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-784

Entrevistado: Osmar Dziekaniaki Rodrigues [Careca da Máquina]

Nascimento: 29/09/1948

Local da entrevista: via telefone

Entrevistador/a: Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 13/06/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Luiza Aguiar dos Anjos

Pesquisa: Luiza Aguiar dos Anjos e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 25 minutos

Páginas Digitadas: 27 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da tese de doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas mas são nossas” à “diversidade da alegria”: uma história da torcida Coligay* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do movimento Humano no ano de 2018.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Relação com o futebol; Participação na torcida Força Azul; Participação na torcida Coligay; Participação na torcida Máquina Tricolor; Participação na torcida Eurico Lara; Jogos do Grêmio; Mudança para o Rio de Janeiro; Uniformes; Bateria; Saída da torcida Eurico Lara; Saída da torcida Força Azul; Início da Coligay; Atividades da Coligay; Mudanças no país; Homossexualidade durante a ditadura; Liderança da Coligay; Boate Coliseu; Mulheres e menores de idade na torcida; Emoção de ser gaúcho; Interação entre as torcidas; Interação da torcida com o clube; Relação com os jogadores; Viagens; Conflitos entre torcidas; imprensa; Militância gay; Epidemia de AIDS.

Porto Alegre, 13 de junho de 2017. Entrevista com Osmar Dziekaniaki Rodrigues a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Osmar, eu queria primeiro te agradecer por separar um tempo para conversar comigo, para falar das suas experiências, muito obrigada mesmo. Então, eu queria que o senhor começasse me falando um pouquinho sobre como começou a sua relação com o futebol e com o Grêmio¹. Como é que você se tornou um gremista? Como é que você começou a gostar de futebol?

O.R. – Bom, eu morava na cidade de Rio Grande e lá eu torcia pelo Rio Grande, que é o clube mais velho do Brasil, Sport Club Rio Grande. E num jogo Internacional e Rio Grande eu vim para Porto Alegre para assistir. Perdi a excursão, peguei um ônibus de linha e vim. Naquele tempo levava *horas* que nem sei... E vim para Porto Alegre nos Eucaliptos² assistir o jogo. Desci na rodoviária, na antiga rodoviária velha de Porto Alegre defronte a nova, peguei um táxi até os Eucaliptos e fui para lá. Vi aquela coisa horrível, os Eucaliptos [riso], e o recebimento péssimo. Tudo bem, voltei na excursão para casa e lá eu passei a ser já muito... Eu já torcia para o Grêmio em termos, Rio Grande... Aí fugi de casa e fui embora para Porto Alegre com dezoito anos. Aí fui morar com uma tia minha e comecei a ir ao Estádio Olímpico assistir ao jogo do Grêmio. Minha tia me levava, aquele negócio todo. Lá eu comecei a fazer amizades com o pessoal que frequentava os jogos, a garotada, aí inventamos de fazer uma torcida. “Ah faz bandeira”, “ah eu faço”, daí leva a bandeira para casa, traz... Daí fomos convidados para entrar no Eurico Lara, Departamento Eurico Lara, do José Buaes³. Lá dentro da Eurico Lara a gente formou a Força Azul, em 1974. Dali começamos a crescer em termos de torcida organizada, aí tivemos brigas lá com a direção da Eurico Lara, com o Buaes, porque as vezes a gente fazia parte de guerra contra a diretoria. Saímos e formamos... Lá fora continuamos com a Força Azul. Fizemos parte... Criamos o... Dos antigos diretores do Grêmio... Ah, nem me lembro o nome agora. Ganhamos uma salinha embaixo da geral⁴, que não tinha arquibancada naquele tempo,

¹ Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

² Estádio dos Eucaliptos.

³ José Dantur Buaes.

⁴ Setor do estádio que não possui assentos, onde os torcedores assistem os jogos de pé. Geralmente, onde os ingressos têm os preços mais baixos.

começamos a guardar o material ali dentro. Fizemos parte do movimento do cimento, para construir a segunda parte. Aí eu saí fora da Força Azul e frequentava a Boate Coliseu, onde o Volmar⁵ era o diretor. Lá dentro a gente inventou a Coligay, aí formou-se a Coligay lá dentro do Coliseu, começamos a frequentar o estádio. A primeira vez que nós fomos ao estádio foi um horror, porque a gente saiu da boate de manhã e fomos para... Tudo caracterizado, pintado, com aquele camisão, aquela camisola escrita Grêmio, lá começa um confusão porque a torcida não queria aceitar, eu vou falar palavrão...

L.A. – Pode falar, não tem problema [riso]

O.R. – Lá quando nós sentamos, tinha um negrinho que se chamava Frank que fazia dublagem na boate e aí a briga rolando, a bicha saiu toda se rebolando, sai para frente e grita: “Pára, pára, pára! Tem cú para todo mundo” [riso]. Desde aí a torcida começou a ser respeitada. Nós começamos a ir para o interior, chegava no interior era caravana de carro nos esperando para entrar para dentro da cidade, com buzinação, fogos... O Hélio Dourado⁶ nos aceitou maravilhosamente, nós fomos apadrinhados pelo Hélio Dourado, nós fomos apadrinhados... Todas as outras torcidas que estavam sendo fundadas dentro do Grêmio, como a Jovem, Raça, Tigre, onde também eu tive muita participação de orientação, porque o pessoal ia na minha casa pedir orientação. Fomos a primeira e única torcida a desfilar dentro do Beira Rio⁷, em um Grenal⁸, onde nós levamos radiada, pedrada, garrafada, mas enfrentamos. Fomos convidados pelo Internacional⁹, desfilamos lá dentro... Aí passou esse tempo eu saí fora da Coligay, que a Coligay foi ficando assim, desaparecida. E comecei a frequentar com outros grupos, o Olímpico¹⁰... Lá pelas tantas no Bar do Ramon, onde a gente se encontrava, o Renato¹¹ ainda era juvenil, que não era Junior, era juvenil, Branco¹², Dunga¹³, que frequentavam lá... Nós inventamos de formar uma nova torcida. Começamos a arrecadar dali, arrecadar daqui, fundamos a Máquina Tricolor. E também nós crescemos em termos de *família*. Só entrava se você fosse família, fazia parte só se fosse família. Até

⁵ Volmar Santos.

⁶ Hélio Volkmer Dourado.

⁷ Estádio Beira-Rio.

⁸ Grêmio x Internacional.

⁹ Sport Clube Internacional.

¹⁰ Estádio Olímpico.

¹¹ Renato Portaluppi.

¹² Cláudio Ibraim Vaz Leal.

chegar ao ponto de ganhar a sala no Olímpico. Tivemos a participação da, mesmo que ela diga que ela é colorada, tivemos a participação dela, no grupo, porque a mãe dela fazia parte da Máquina Tricolor: a Deise Nunes Ferst, que eu sempre falo que é a primeira e única Miss Brasil negra. É um orgulho para todos nós, porque quando eu fui levar ela, na época, para fazer parte das Rainhas das Piscinas¹⁴ no Grêmio eu recebi do Departamento de Cultura, de Esporte, Departamento Social de que era melhor eu botar ela em outro clube porque o Grêmio já tinha candidata. Ela seria cobaia, eu disse: “cobaia não porque nós temos torcida, nós vamos botar a torcida lá dentro para torcer por ela”. E Deise fez parte sim, da Máquina Tricolor e eu me orgulho muito, que eu ia para a casa dela, dormia no sofá junto com ela, porque nós íamos... As apresentações antes, da Rainhas das Piscinas, era concorrer a rainha estudantil, rainha disso, rainha daquilo, eu ia com ela e quando nós chegávamos na casa dela eu deitava no sofá, ela deitava ali. Então é um orgulho saber que a Deise saiu de dentro do Grêmio e mesmo a Ana¹⁵, a mãe dela, que lavava a roupa para os jogadores. De dez jogadores ela lavava, passava, naquela época, se mantinha isso e a nossa torcida Máquina Tricolor se chama a torcida da família, porque só entrava família, mãe, pai, vó... E os filhos foram criados, como tem a história do filho da Xuxa¹⁶, hoje com trinta e poucos anos. Quando nasceu, cansou de ficar trancado na sala e ela ia para arquibancada, ela saía toda hora durante o jogo para dar mamã para a criança, então é... Nós fazíamos almoço lá dentro; sábado nós íamos para lá lavar bandeira, lavar a sala, eu tive uma prima que estava com câncer e ela... Nós fomos na casa dela, eu e a Sueli¹⁷, pegamos ela a força e levamos ela para ver um jogo, pegamos ela para ir para a sala, ela ia para a sala com a Sueli, faziam comida, lavava... Ela ficou curada do câncer e quando morreu, morreu sem estar com câncer, sem estar doente porque a doença foi outra, então é um orgulho para a gente. Daí em diante eu vim para o Rio¹⁸, assisti um jogo do Grêmio e Botafogo¹⁹ e aqui eu fiquei. Moro aqui desde... Ah não! Fui a Tóquio!²⁰ Em 1983, o Grêmio fez um sorteio de quem vendia mais uns carnês. Aí a torcida vendeu, conseguiu alcançar a meta que o Grêmio tinha dado, aí fizemos um sorteio para ver quem ia representar a Máquina, aí o

¹³ Carlos Caetano Bledorn Verri.

¹⁴ Concurso de beleza.

¹⁵ Ana Nunes.

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Rio de Janeiro.

¹⁹ Botafogo de Futebol e Regatas.

²⁰ Referência a partida disputada entre o Grêmio e o Hamburgo no Mundial interclubes.

pessoal resolveu que quem deveria representar a Máquina era eu e eu queria era fazer o sorteio para que *qualquer componente* pudesse ir. Deu a causalidade que eu fui. Sem dinheiro, sem poder viajar a Tóquio onde, graças a Deus, em 1983, no jogo Grêmio e Hamburgo²¹, o Grêmio se tornou campeão da Copa Toyota Mundial. Viajamos com os jogadores até lá. Na volta não, porque na volta eles foram fazer um jogo amistoso para esperar e nós viemos na frente. Lá nós divulgamos o nome do Grêmio, em uma faculdade que a gente descobriu que falava a língua portuguesa, que tinha um grupo de samba lá dentro e o reitor dessa faculdade era o irmão do bispo Dom Vicente Scherer e a gente... Gastamos os nossos convites para eles entrarem no campo e nós praticamente ficamos sem entrada. Conclusão: chegamos lá, era um portão que a gente entrava normalmente sem ter roleta, sem ter nada e entramos, curtimos, fizemos nossa festa do estádio até o hotel, onde fomos recebidos pelo resto dos estudantes dessa Universidade também lá festejando. Aí quando chegamos em Porto Alegre foi aquela festa maravilhosa, onde fomos recebidos primeiro pelos nossos amigos, nossos componentes, para depois no outro dia receber o Grêmio. Daí eu vim embora para o Rio de Janeiro e é como eu digo: “o Grêmio não é só um time para mim; o Grêmio é uma religião minha, eu tenho uma doença que se chama Grêmio, ‘Grêmio Mania’, que eu... Dia de jogo do Grêmio, se você vim me perturbar eu mando você para puta que pariu porque é a hora que eu estou fazendo a minha oração e não quero ser perturbado por ninguém. E eu ontem mesmo, assistindo Grêmio e Bahia²², sozinho dentro de casa, e a minha vizinha que mora pertinho, ela veio: “Pô! Por que não me chamou?” Porque o jogo já tinha começado, daí eu digo: “Francis²³, eu não vou estar gritando para todo mundo, vocês sabem que eu vou estar ouvindo”. Conclusão: ela ficou aqui e torcendo para o Grêmio; quem está do meu lado vai ser gremista [riso] porque é uma religião, é tipo uma lavagem. Ou tu é meu amigo ou não é! E aí nos conseguimos nos encontrar, fazer uma comunidade gremista, onde a gente assiste o jogo do Grêmio, nós já assistimos em Botafogo²⁴, já assistimos em outro lugar e cada gaúcho gremista que vem para o Rio ou que vem morar, sabe que em casa lugar tem um bando de louco gremista se encontrando para ver o jogo e é lindo porque as pessoas te respeitam, as pessoas são amigas, as pessoas são pacientes umas com as outras. Aqui nós fizemos nove anos de festa do Grêmio, junto com a Semana Farroupilha, onde nós temos um amigo que ele se chama,

²¹ Hamburger Sport-Verein, da Alemanha.

²² Esporte Clube Bahia.

²³ Nome sujeito a confirmação.

que é o embaixador do Rio Grande do Sul, que é o dono da Casa do Gaúcho, o Maciel.²⁵ Ele faz uma costelada uma vez por mês numa casa portuguesa, num salão de... No ginásio onde eles fazem para quinhentas, seiscentas pessoas; nós já fizemos festa, todos os anos nós fizemos a festa de aniversário do Grêmio, onde na data do aniversário do Grêmio a gente fazia a missa campeira, a gente dava brinde e a gente pedia para que todo mundo fosse com a camiseta do Grêmio. Chegamos a botar novecentas, oitocentas pessoas num evento de aniversário do Grêmio...

L.A. – Nossa!

O.R. – Então é para ver que aqui tem muito gaúcho. Eu, agora, por exemplo, eu moro em Maricá²⁶, e eu não consigo ir em todos os jogos do Grêmio assistir no bar porque é duas horas de viagem. Aí o jogo começa dez horas, meia noite termina, o último ônibus é uma hora é difícil você voltar. Então eu fico em casa, botei a Sky onde passa o jogo, aqui eu tenho o Nelson²⁷, meu amigo que mora não tão perto, mas é meia hora de ônibus da minha casa à dele. Eu morei com ele, também, que ele fez parte da Máquina Tricolor no início. Aí a gente vai para lá e torce com a família dele no jogo do Grêmio. E é o churrasco tradicional todo dia. Então, a minha história de torcida é uma história que eu posso dizer para o mundo que eu comecei a levantar bandeira de torcida organizada. Eu posso até te dizer que eu acho que a Máquina Tricolor, que salvo engano, foi a primeira no estado a ser fundada. A Máquina não, a Força Azul! Porque naquela época não tínhamos isso. Havia o Departamento Eurico Lara e o Departamento Vicente Rao²⁸, que era o Rei Momo de Porto Alegre, que tinha um departamento no Internacional. E havia consideração de uma torcida com a outra, quando havia festa de aniversário de uma torcida vinha sempre representante deles na nossa casa, como nós íamos na casa deles e era sempre respeitado. Eu não posso dizer que alguma vez eu fui agredido pelos colorados, eu sempre respeitei e sempre tive carinho com o pessoal, que no esporte a guerra é lá dentro de campo, não fora. E vou sempre ter um carinho por isso aí, como na minha família, eu tenho sobrinhos que são colorados, claro são colorados mas são obrigados a torcer pelo Grêmio, porque sabe que se

²⁴ Bairro Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁵ Nome sujeito a confirmação.

²⁶ Município do Estado do Rio de Janeiro.

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

²⁸ Departamento de Cooperação e Propaganda do Internacional.

o Grêmio perder eu fico doente então eles não podem torcer contra, torcer a favor. Agora mesmo, com o tratamento que eu estou fazendo eles dizem: “Pô! O tio tá doente aqui, o Grêmio está ganhando, está doente de quê?” Então sempre tem essa coisa assim. Eu tenho a minha casa aqui em Maricá e ela é praticamente toda azul, preta e branca. Como eu disse para você, o dia que você vier no Rio liga para mim você vai vir na minha casa e vai ver como é a minha casa mesmo. Entendeu? Até o jardim da frente é com os pneus azul, preto e branco, onde eu planto alguma coisa... Na frente da casa tem um distintivo colado do Grêmio e a parede do Grêmio. Aqui onde eu moro, o ‘Minha Casa, Minha Vida’²⁹, em Maricá... Se na entrada perguntar pelo Osmar ninguém sabe, mas se perguntar pelo gremista todo mundo sabe onde eu moro. Então praticamente é isso a história da minha vida dentro do futebol.

L.A. – Osmar, você falou que quando a Força Azul surgiu tinha basicamente o Departamento Eurico Lara. Como é que ele funcionava antes do surgimento da Força Azul?

O.R. –Antigamente quem fazia excursão para levar a torcida aos estados, ao interior era o Departamento Eurico Lara.

L.A. – Ele já tinha uma bateria, um conjunto de integrantes uniformizados, algo nesse sentido?

O.R. – Não, não. Nunca houve esse negócio uniformizado, quem botou isso uniformizado lá dentro fui eu, quem botou bateria lá dentro fui eu. O que o Departamento Eurico Lara tinha na época era um buzinaço daqueles de caminhão, que se levava para todo lugar aquilo, que era com aquele gás, que carregava aquele botijão de gás e chegava nos estádios aquele buzinaço de caminhão. Mas a bateria praticamente foi feita por meu intermédio. Quando nós entramos, ou seja, por nosso intermédio quando nós entramos para dentro da Eurico Lara, bandeiras grandes praticamente foi nossa... Era assim: tinha um clube, que você entrava lá com aquelas garotadas que picavam papel, que catavam papel, ensacavam papel, que subiam para cima da marquise para jogar, distribuía saquinhos de papel para o

²⁹ Condomínio construído através do Programa “Minha Casa, Minha Vida”, do Governo Federal.

peçoal, distribuíaam bandeirinhas para o peçoal. Era o Departamento que organizava os eventos no Grêmio, entendeu?

L.A. – Sim.

O.R. – Tanto é que no Beira Rio, nós chegamos a tomar conta daquela marquise que fica na arquibancada lá em cima. Nós entramos lá e aí está escrito assim: “Maior torcida do Rio Grande.” Aí nós botamos o distintivo do Grêmio nas duas pontas... Essa era uma guerra social linda que nem sei... Hoje não dá para fazer isso, hoje é tudo mais perigoso. Mas aí depois começou a surgir essas baterias em tudo que é torcida, todo mundo queria fazer uma bateria, que eu acho que era errado, porque uma torcida com cinquenta, sessenta, cem pessoas achando que ia dominar tudo fazendo bateria. E naquele tempo só quem tinha bateria era a Eurico Lara.

L.A. – E por intermédio de vocês quando entraram lá...

O.R. – Praticamente foi por intermédio da gente, quando a gente entrou lá dentro.

L.A. – E você em algum momento mencionou a saída da Força Azul da Eurico Lara, um momento em que vocês resolveram se tornar independentes. Quando e como isso aconteceu?

O.R. – Quando nós saímos do Departamento Eurico Lara nós nos tornamos independentes, nos encontrávamos na casa da Clarice³⁰, que era ali em cima do morro, ainda não era o cemitério ali, era o campo do Cruzeiro³¹. Ela morava ali numa casa boa, e lá que nós fazíamos e guardávamos o material. Aí de lá nós íamos para o jogo. Naquele tempo nós pagávamos, depois é que veio a ideia de ir, aí não se pagava mais ingresso, muitos eram sócios, entendeu? Era assim que começou a surgir, onde teve diversas pessoas... O próprio Serginho³², o Beto³³, o Milton³⁴, o Elton³⁵, sempre me acompanharam, a cada lugar que eu ia todo mundo me acompanhava.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

³¹ Esporte Clube Cruzeiro.

³² Sérgio Luiz Cunha.

L.A. – Entendi. E você se lembra em que momento mais ou menos que vocês saíram do Departamento Eurico Lara, ainda enquanto Força Azul?

O.R. – Não me lembro não, mas eu acho que nós ficamos lá mais ou menos... Frequentamos, fizemos parte da Eurico Lara lá por, nem sei... Eu acho que teve uma guerra, porque eu... Era dependência do presidente do Grêmio, que morava lá, que era conselheiro, morava em Ipanema... E a gente estava fazendo parte da Eurico Lara e foi aí que houve essa discussão, esse negócio de sair fora da Eurico Lara, que foi quando nós nos tornamos independentes.

L.A. – E o que te motivou a sair da Força Azul e começar a fazer parte da Coligay, de iniciar a Coligay?

O.R. – Cara... Aí nessa época que eu sai da Força Azul... Eu não me lembro bem o que deu que eu quis sair da Força Azul... Ou aí ela estava já morrendo e aí a Clarice tinha casado, a Ana tinha ido embora para São Paulo, foi um negócio assim... Daí começou a haver uma desavença de poderes e eu sou *muito* ditador, eu sou *muito* pelo direito, primeiro porque eu nasci no dia 29 de setembro, o Dia da Justiça, balança mais não cai... Então, eu não aceitava. Isso aí eu sou voado mesmo, sai fora e aí ela morreu. Depois ela tentou voltar a Força Azul, mas não voltou. Aí quando ela quis voltar eu também dei força, mas sem fazer parte. Foi quando eu trabalhava nos Correios³⁶, comecei a frequentar a Boate Coliseu, ali na Avenida Bento Gonçalves e aí é que se formou a Coligay.

L.A. – E como era a performance da Coligay nas arquibancadas? Como é que você se recorda dessa atividade de vocês?

O.R. – Bom, começava assim: a gente ia para boate, certo? Tinha jogo no domingo, a boate no sábado e jogo no domingo. Nós trancávamos a porta e quem ia para a boate, no final, ficava todo mundo trancado lá dentro, ninguém saía, só saía depois para fazer a caravana

³³ Luiz Roberto Machado.

³⁴ Milton Bordini.

³⁵ Elton Lopes.

até o Estádio Olímpico, com bandeiraço, a bateria, fogos e a farra, onde nós levamos que eu conhecia... Eu levei lá para dentro o Neri Caveira³⁷, um dos maiores mestres sala. Eu acho, de Porto Alegre, que era do Imperador³⁸, que era ali perto da Zero Hora³⁹... Aí ele começou a ir para a Boate lá ficar com a gente, levava sobrinhos, levava os parentes, levava os amigos, todo mundo ia para tocar a bateria... E era a primeira bateria mesmo que torcida organizada teve, porque igual aquela não tinha outra não. Os sopros a gente ia buscar nas escolas, as crianças, né? Naquele tempo era meninos que estudavam nas escolas e eu ia buscar, ia correr atrás, pagava passagem para os garotos para ir torcer e levar o instrumento de sopro para o campo. Então foi uma época bonita. Naquela época ali, em 1977, foi logo que formamos a Coligay. A primeira torcida organizada que se chamava gay em plena, praticamente, Ditadura Militar. Nunca fomos desrespeitados, nunca fomos agredidos por ninguém e hoje em pleno século XXI eu não teria coragem de botar uma torcida. Nós fomos a São Paulo torcer para o Corinthians⁴⁰, quando fazia vinte e um anos, parece, que o Corinthians não ganhava. O Vicente Matheus pagou a passagem e estadia para nós ficarmos lá. Fomos respeitadíssimos pela torcida do Corinthians. E naquela época nós viajamos a qualquer lugar, nós éramos *respeitados* onde chegássemos. Hoje não, você... Eu, por exemplo, eu ando com a camisa do Grêmio vinte e quatro horas, se eu sair para ir a um jogo eu levo ela no bolso, só boto no estádio, porque hoje a marginalidade tomou conta. Lamentável.

L.A. – E o que você acha que mudou? Quando você fala desse receio, da marginalidade, é uma questão específica com relação ao receio de montar uma torcida gay ou não é com relação a isso, é uma questão mais ampla?

O.R. – Não. Eu acho mudou, eu acho que mudou tudo no país... É sobre a cultura, o amor, a paz, ninguém tem mais isso. As pessoas hoje, uma vira para a outra, e já acham que tem que dar um tiro na cara, que a justiça não faz nada... Naquele tempo que eu te falo, gay, nós saíamos... Por exemplo, eu morava no Partenon⁴¹, eu saía lá da minha casa com

³⁶ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

³⁷ Neri Gonçalves, conhecido como mestre Neri Caveira.

³⁸ Escola de Samba Imperadores do Samba.

³⁹ Jornal Zero Hora.

⁴⁰ Sport Club Corinthians Paulista.

⁴¹ Bairro Partenon.

diversos caras, aí a gente já saía maquiado dentro do ônibus para ir para a boate, já saía todo mundo maluco, todo mundo bonito, todo mundo enfeitado porque sabia que depois ia para o jogo. Então já saía todo mundo fantasiado já para passar a noite na boate e no outro dia ou viajando para ver o jogo do Grêmio ou indo para o estádio Olímpico. Então tinha esse respeito, hoje não se tem mais, as pessoas não tem mais educação, acabou. As pessoas falam “homofobia”, as pessoas falam hoje “preconceito”, “direitos”, ninguém tem nada. Eu, naquela época... Tanto no tempo da Força Azul, como no tempo da Coligay e como na Máquina Tricolor se você perguntar pelo Osmar, praticamente ninguém vai te dizer quem é o Osmar. Agora se perguntar pelo Careca da Máquina, pelo Careca da Força Azul, porque eu chegava na televisão para dar entrevista... Quando eu ia nas entrevistas das rádios, dos negócios: “Agora nós vamos receber aqui o Careca da Máquina, o Careca da Força Azul, o Careca da Coligay.” E eu me sentia orgulhoso daquilo porque eu acho que não tinha nada de homofobia, não tinha nada de preconceito, nada de racismo. Hoje tu não pode chamar uma pessoa... Você tem que ter a coragem de simplesmente falar o que... Com medo de falar alguma coisa. Você tem que estar com... Com o que você vai dizer, que tudo isso passa a ser racismo, passa a ser preconceito, passa a ser alguma coisa assim, entendeu? Então você pega e você vê que a coisa não vai como era antigamente, entendeu? O medo de tudo.

L.A. – Pensando nisso que você está falando, como é que foi para você ser homossexual durante a Ditadura?

O.R. – Oi?

L.A. –A Ditadura com relação à homossexualidade. Você percebia algum tratamento específico do governo ditatorial, da polícia com relação aos homossexuais e aos espaços de convívio de homossexuais?

O.R. – Bom, eu te digo com sinceridade uma coisa, eu queria a Ditadura de volta. Porque nós éramos respeitados, nós nunca fomos agredidos. Na boate nunca entrou soldado nenhum lá para revistar ninguém, na rua você andava normalmente, você não tinha aquela coisa de ser parado pela polícia, pelo exército... Acho que a Ditadura fez bem, mesmo que as pessoas não queiram acreditar, mas fez bem, porque todo mundo tinha respeito, nós

nunca desrespeitamos ninguém, nós andávamos na rua, fazendo campanha do Grêmio, vestidos com as roupas da Coligay e nunca fomos paralisados.

L.A. – Sim. E voltando especificamente com relação a isso, da forma como vocês da Coligay se vestiam, se expressavam no estádio? Você podia me descrever um pouco de como era a manifestação de vocês nas arquibancadas? Em que vocês diferenciavam de outras torcidas, o que chamavam atenção para quem estivesse ali olhando a Coligay na arquibancada?

O.R. – Naquele tempo o que diferenciava era aquele roupão que a gente tinha com as letras, cada um com uma letra representando o Grêmio. *Grêmio*. Então cada roupão daquele aberto era uma letra do Grêmio, que formava a palavra Grêmio. A diferença era que as pessoas iam fantasiadas, entendeu? Para os jogos com plumas, chapéus, purpurina, sapato de salto, então, isso era a atração, mas a atração principal era por causa daquela camisola, aquele camisão grande que tinha as letras que formava as letras do Grêmio. Então isso é que chamava atenção e era o respeito, o modo de gritar, o modo de cantar, o modo de pular, de chamar, entendeu? Esse era o movimento que a Coligay tinha.

L.A. – E como era esse modo de cantar, de pular e de gritar?

O.R. – Porque nós levávamos as músicas de carnaval, porque a bateria do Neri era música de carnaval, tanto é que o Neri levava as músicas feitas de carnaval mesmo, a bateria tocava era música de carnaval, nós fomos os primeiros... Eu não me lembro se foi ou na Coligay ou na Máquina Azul que o grito de guerra era: “Grêêêêmioooo, Grêêêêmioooo”. Saiu da gente. Eu não me lembro se foi na Máquina Tricolor ou na Coligay, mas uma das duas foi a torcida a lançar isso.

L.A. – E nessas músicas de carnaval, vocês modificavam as letras para colocar o nome do Grêmio, algo nesse sentido?

O.R. – Sim, sim! 90% era feito isso, entendeu, trocava a letra sim, onde tinham as músicas e você botava o nome do Grêmio ali no meio.

L.A. – E quem criava isso eram vocês mesmos ou eram os integrantes da bateria?

O.R. – Não. Quem inventava isso eram as próprias pessoas, os componentes é... Começava a tocar: “Ô jardineira porque está tão...” Aí: “Ô Grêmio porque está tão triste...” Por exemplo, uma coisa assim, então entrava, as pessoas na hora faziam aquilo ali, faziam a troca da letra imediatamente, inventavam na hora. Era lindo por causa disso. E era o respeito, o respeito era o mais importante de tudo.

L.A. – E quais que eram as pessoas que exerciam maior liderança dentro da Coligay?

O.R. – Olha, um deles, claro, chamava-se Volmar Santos. Nós simples... Cabeleireiros grandes que ajudavam, mas não participavam, mas não queriam botar o nome na jogada... Nós tínhamos que fazer a parte do movimento da Coligay. Era eu, o Beto, o Milton, o Serginho, o Frank⁴², o Volmar e aí tem outras pessoas que... O Elton, que hoje parece que mora na Bolívia... Então isso era bonito porque a gente se reunia e fazia as coisas.

L.A. – E vocês se reuniam em outros espaços para poder organizar coisas do tipo, fazer as fantasias, cortar papel picado, algo nesse sentido?

O.R. – Não, o espaço era a Boate Coliseu. As outras torcidas não, as outras torcidas eram dentro da sala: a Máquina, a Força Azul eram dentro da sala. A Coligay não, a Coligay era dentro da Boate, ali é que surgia tudo. Durante aquela meia hora que nós íamos para o estádio é que já saía: “Eu vou levar essa pluma”, saía com a pluma. “Eu vou levar isso”, saía com aqueles chapéus, era assim que era feito o negócio.

L.A. – Então, você podia me falar um pouquinho mais da importância da Coliseu para a Coligay?

O.R. – Bom, a Boate Coliseu, como eu te disse, era frequentada a princípio pelo público chamado de gay, que hoje tem o GL não sei o quê, que também não faz nada por ninguém, não resolve nada... E nós fazíamos o seguinte: nós frequentávamos a Boate, a princípio era

⁴² Nome sujeito a confirmação.

uma boate, lá começamos a encontrar diversas pessoas, fazer amizade, arrecadar fundos para quando tinha doenças de pessoas, enchentes... Em Pelotas⁴³ nós fizemos caravana, no jogo Brasil⁴⁴ e Pelotas⁴⁵, para levar doações para entregar na prefeitura. Então é o que a Coligay fazia, um ajudava o outro, a gente contribuía... E a Coligay fez muito bem para nós que frequentávamos o Coliseu e para muita gente que a gente pôde fazer... Como nessa tragédia que está tendo lá no Sul agora, que está tendo, era uma coisa que a gente se movimentava para arrecadar materiais para mandar entregar ou levar diretamente.

L.A. – E como é que era a liderança do Volmar? Você podia me descrever um pouco como é que ele conduzia as questões da torcida?

O.R. – A liderança do Volmar era uma liderança que todo mundo fazia parte, todo mundo era líder. Tinha um regime, não podia haver confusão, nós tínhamos regime de não ter desrespeito, de bagunça, não falar essas putarias, que hoje o gay se acha com mais liberdade de fazer putaria abertamente. Éramos tudo na base da sacanagem, da brincadeira... Tinha sim, há um tempo chegamos a fazer, pessoas chegaram a fazer curso de karatê para saber se defender. E tinha orientação, o Volmar também era muito rígido com todo mundo. Ele dava um berro, *todo mundo* tinha que baixar a cabeça e ficar naquilo ali, porque era um tempo, não é o que é hoje, que você vai para uma torcida organizada, você vai a fim de brigar, não tem um líder que comande. Naquele tempo havia liderança sim.

L.A. – E isso incomodava alguém? Essa forma dele lidar com as questões da torcida, com os problemas, enfim?

O.R. – Não. Não tinha incomodação nenhuma porque todo mundo era amigo, por mais que tivesse mais de setenta pessoas dentro da torcida, cem pessoas, ninguém se incomodava, todo mundo tinha que respeitar, sabiam que era um regime, ninguém assinava nada para dizer: “Estou entrando na torcida... Você tem que fazer isso, isso, aquilo.” Não! Era feito

⁴³ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁴ Grêmio Esportivo Brasil.

⁴⁵ Esporte Clube Pelotas.

claramente por você. Se você lá dentro não respeitava, não fazia parte da torcida e nem frequentava a Boate, que não entrava na Boate também não.

L.A. – E tinha uma distribuição de tarefas entre vocês, o que era a função de cada um?

O.R. – Não. A tarefa era de todo mundo junto. “Vamos arrecadar dinheiro para podermos viajar...” Todo mundo balançava a cabeça para correr atrás, tinha que conseguir, adquirir para nós podermos viajar, para nós podermos comprar comida, para fazer o movimento de arrecadar bens para levar para as pessoas que estavam necessitadas em caso de enchente, de doações... Todo mundo participava. Tanto participava que as próprias famílias adoravam aquilo, faziam parte junto também e dentro da Coliseu não só frequentava gay, tinha gente que ia e fazia parte... Nós tínhamos uma menina que tocava na bateria, a Dora⁴⁶, que era casada, e a Dora ia para a Boate, saía da Boate com a gente e não tinha isso de desrespeitar não. Todo mundo era respeitado.

L.A. – E tinha muitas outras mulheres também que faziam parte?

O.R. – Menores? Naquele tempo se entrava menores... Primeiro, que não entrava na boate, entendeu? Eles poderiam fazer parte lá no futebol, mas eu não me lembro de nenhum menor que se dissesse gay e fizesse parte, não me lembro disso também não. E se fosse era rígido, porque primeiro que não entrava. Os pais, de primeiro, não deixavam os menores saírem para a rua, tinha que ser acompanhado, né?

L.A. – Sim, sim. E de mulheres? Para além da Dora tinham outras mulheres?

O.R. – Tinham muitas meninas, muitas meninas que frequentavam a boate e que faziam parte, porque do lado tinha o Correntão, onde as meninas faziam programas; tinham duas ou três boates onde faziam os programas delas e elas frequentavam também, elas iam para o jogo também. E elas, às vezes, iam até com a roupa que tinha ido para fazer o programa e elas iam para o jogo também, era assim mesmo que era feito o negócio.

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

L.A. – E você se lembra de onde vocês se posicionavam no estádio e as razões da escolha desse lugar?

O.R. – Nós sempre ficamos atrás da goleira. Praticamente ali, no início, é onde nós ficamos e ali que a gente frequentou *muito*, muito tempo. Depois nós passamos para o meio do estádio onde nós víamos... E tem até uma fotografia, essa fotografia da Coligay que está no Museu do Grêmio...

L.A. – É uma fotografia que ficava exposta na parede do Museu mesmo?

O.R. – Eu não sei onde é que ficava lá não, eu sei que o pessoal aqui do Rio bateu essa fotografia e trouxe para mim, entendeu? Mas eu já tinha essa fotografia em casa porque eu tinha... Os jornais, é como eu te disse, há dois anos atrás eu tive uma enchente na minha casa onde toda a história minha, de história de Grêmio, aquele negócio todo, foi tudo por água abaixo... Um dia que você vier aqui talvez ainda tenha alguma coisa sobrando para te mostrar, entendeu? Vou ter o prazer de te receber na minha casa e você vai ver o que é a coisa.

L.A. – E Osmar, as torcidas organizadas que existiam nessa época, elas tinham um perfil que as diferenciava? Você falou que a Máquina tinha um perfil família, como que era o perfil dessas outras torcidas, da Força Azul, da própria Coligay? Das pessoas que compunham essas torcidas, em termos idade, de classe social, de outros aspectos que as identificavam.

O.R. – Olha, começando pela Força Azul. A Força Azul também praticamente era família. A Força Azul fazia parte... Não tinha que ser só família, todo mundo entrava, família que eu falo não é você levar pai, mãe, vó e tia, não. Era simplesmente todo mundo, classe social não tinha escolha de ninguém, nenhuma das três tinha classe, não tinha escolha de classe social. Na Força Azul eu me lembro que em 1974 ou 1975, era perto do Natal, 90% era do interior, não tinha família lá, em Porto Alegre, nos reunimos e fizemos a campanha da maçã. Nós arrecadamos maçã para ir nas comunidades distribuir, sobrou maçã nós fomos para o asilo de pobre, lá onde as famílias não foram visitar. Chegando lá no asilo de pobres, começamos a fazer show para as velhinhas... A Clarisse, não me lembro se foi a

Clarisse ou a Ana que falou assim: “a gente podia pegar e fazer um churrasco para ficar aqui festejando o Natal”... Ligamos para a casa dos pais, dos parentes, quem tinha, para que comprassem carvão, carne e bebida. Bebida, ou seja, refrigerante. E nós fizemos um churrasco no asilo para as velhinhas e para a gente participar lá no almoço comunitário, enfim... Isso eu sempre tive na minha cabeça em ajudar o próximo e beneficiar a quem necessitava. Na Máquina Tricolor nós também nos reunimos, quem era do interior ia para a casa de um, ou para a casa do Luiz⁴⁷ ou da Vera⁴⁸, que tinham mais quintal, tinha mais espaço, para fazer churrasco naquele dia de Natal e se passar todo mundo junto como uma família. Então o tempo, é aquilo que eu te digo: a educação era outra, o pessoal tinha muito mais amor, muito mais carinho do que hoje; hoje não se tem não... Graças a Deus aqui eu tenho a minha comunidade gremista onde a gente se encontra no jogo do Grêmio ou marca para fazer churrasquinho, naquele dia cada um leva um pedaço de carne, vai para lá faz um churrasco...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO⁴⁹]

O.R. – Caiu!

L.A. – Pois é, caiu, mas reestabelecemos. Desculpa, pode continuar.

O.R. – Então, o que eu estava dizendo, realmente naquele tempo era outro tipo de coisa e aqui Graças a Deus nós temos isso de bom, que são... Ainda o gaúcho ainda tem o amor, o gaúcho ainda é amigo... Eu estou quase chorando porque...

L.A. – [RISO] Da saudade de casa, né? Falar disso.

O.R. – É saudade da amizade, da família também... Isso porque eu estou há quarenta praticamente, trinta e tantos anos no Rio, vamos dizer quase quarenta anos... Na primeira vez aqui da comunidade que nós fizemos a festa do Grêmio, com quase oitocentos gaúchos gremistas [TRECHO INAUDÍVEL]... Olhava para a cara de um e de outro e via as lágrimas correndo no meio de quase oitocentas, novecentas pessoas. Então, quer dizer, é

⁴⁷ Luiz Afonso Oliveira da Rocha.

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁹ Ligação telefônica cai.

uma coisa que bate, quando toca o hino do Rio Grande do Sul, todo mundo chora, porque é um dos hinos mais lindos que eu conheço.

L.A. – E Osmar, como é que era a interação das torcidas umas com as outras e mais especificamente com a Coligay? Havia algum tipo de convívio? Como é que ele era?

O.R. – Das torcidas organizadas uma com a outra?

L.A. – Isso.

O.R. – Sempre foi em harmonia, nunca teve guerras porque aquela era melhor do que a minha, a tua era melhor do que a minha, porque a minha era melhor do que a tua... Não, cada um procurava disparar e mostrar que poderia ser melhor, tanto é que eu na época da Máquina Tricolor naquele campinho, lá no fundo do Estádio Olímpico, eu fiz um torneio de torcida organizada onde, claro, a Máquina tinha que ganhar, que eu fui correr atrás de garotos bons que jogavam futebol para disputar o torneio e ganhar o troféu que a gente tinha feito, entendeu? Entre diversas torcidas organizadas do Grêmio a Máquina tinha que ganhar e ganhou.

L.A. – Legal. E como é que era a relação de vocês com o clube? Focando especificamente no meu objeto que é a Coligay, vocês recebiam alguma coisa do Grêmio? Como é que se deu a relação de vocês com a direção do Grêmio?

O.R. – Todas as torcidas organizadas sempre do Grêmio elas recebiam sim, elas tinham participação, em ingresso, na sala, cada um tinha a sua sala, tanto que a nossa sala era em homenagem ao Mazarópi⁵⁰... Cada um colocava uma placa na frente dizendo: “Sala tal”. Nunca houve aquela briga de uma torcida com a outra, era tudo uma coisa só, porque sempre o ditado era um, tudo é uma coisa só, é Grêmio, não é como hoje que as torcidas se matam umas com a outra, sem saber por que estão se matando, porque elas querem ser melhores do que a outra. Nada disso acontecia.

⁵⁰ Geraldo Pereira de Matos Filho.

L.A. – E na época da Coligay vocês frequentavam essa sala no sentido de permanecer lá, de utilizar ela para além de simplesmente um espaço para guardar matérias? Como é que era o uso dessa sala?

O.R. – Não, não. A Coligay era a única que não tinha sala, a Coligay sempre teve sala dentro da boate, era tudo guardado dentro da boate, nada... A gente só guardava uma época, parece que era as bandeiras por causa dos bambus que eram grandes, mas... Guardava-se dentro do Estádio Olímpico, entendeu? Nunca se guardava material, porque o material tudo eram praticamente dos caras do Imperador, então eles é que levavam para casa... As outras sim, guardavam dentro da sala.

L.A. – E vocês se reuniam em outros momentos para além dos jogos, ou seja, para comemorar um aniversário, para se fazer um churrasco, ou para alguma atividade, enfim, envolvendo questões da torcida?

O.R. – Tinha sempre os encontros, todo mundo que fazia aniversário fazia o aniversário na sala da sua torcida. O pessoal fazia encontro na sua torcida, uma torcida frequentava a outra, você entrava na sala dos outros como se você estivesse entrando na sua, porque é casa, porque aquilo pertencia ao Grêmio, tudo era nosso, era tudo na base do respeito, uma pessoa acreditava na outra... Eu falo mais sobre a Coligay, porque se fala muito em preconceito, tanto é que a bicharada passava por tudo que era lugar e bem recebido em qualquer parte... Daí a própria direção do Grêmio tinha esse negócio, nós recebíamos amizade de todo mundo... Eu tive um tempo naquele tempo da Eurico Lara que eu entrava no vestiário nas concentrações para bater papo com os jogadores...

L.A. – E como que era o tratamento dos jogadores com você?

O.R. – Tudo bem! Eu tinha na época... Eu era chamado pelo Renato⁵¹, pelo Paulo Viamão⁵² e outros jogadores e... Tinha um jogador do Internacional que era meio parecido comigo... E “Careca”, o tratamento: “porra Careca”, “o Careca chegou”, “o Careca está aqui”. Então esse era o tratamento, eu não tinha medo de nada, todos me chamavam por

⁵¹ Renato Portaluppi.

⁵² Paulo Roberto Curtis Costa.

Careca. Todos, todos... Todo mundo da torcida tinha o tratamento especial com os jogadores, eles frequentavam, eles batiam papo com os jogadores, não tinha essa frescura de hoje, praticamente, você ter que passar com o empresário, no fulano, não sei como é isso hoje pra chegar conversar com os jogadores. Os jogadores paravam para comer um sanduíche, para beber um refrigerante com você em qualquer lugar que estivesse.

L.A. – E Osmar você podia me falar um pouco das viagens para jogos fora de Porto Alegre? Como é que elas eram? Em termos do próprio processo, do ir e vir, da diversão, da organização. O ônibus era o clube que pagava para vocês? Como é que eram essas viagens?

O.R. – É, 90% o clube dava o ônibus para a gente viajar... O menor, por exemplo, que fosse viajar nós tínhamos que pegar a licença do pai assinada, levar no juizado de menores e você era o responsável pela viagem dele.

L.A. – Isso vale para todas as torcidas que você participou? Tanto Máquina quanto Força Azul como também para a Coligay?

O.R. – Todas, todas as torcidas eram assim. Você tinha que ter a licença para levar os menores, entendeu? Você era o responsável por aqueles menores perante ao juizado de menores que não é o que acontece hoje, cada um viaja da sua maneira e do jeito que quer... Nós ganhávamos, sim, o ônibus do Grêmio; o Grêmio dava o ônibus e nós viajávamos na garantia daquilo e em cada lugar que nós chegávamos nós éramos os responsáveis tanto pelo o que ele ia gastar, o que ele ia beber, menor não fumava mesmo, menor não bebia mesmo, a gente todos maiores bebíamos, mas os menores não faziam esse tipo de coisa.

L.A. – E você se lembra de como é que eram essas viagens? Como é que era a recepção quando vocês chegavam no interior? Como que era a relação com as outras torcidas?

O.R. – Em muitos lugares nós chegávamos e nós éramos bem recebidos, mas tinham certos lugares que nós chegávamos e a gente saía escoltado, entendeu? Em muitos lugares, em *muitos* lugares havia guerra sim... Entre torcidas... Porque em outros estádios, no interior, praticamente não tinha torcida organizada, eram poucos que iam, entendeu? Então

era diferente... Eu aqui no Rio cansei de viajar para assistir ao jogo do Grêmio; eu e mais dois, três, e nós chegávamos aqui e nós tínhamos amizade com a torcida do Fluminense⁵³, a Fiel Tricolor, a falecida tia Helena⁵⁴, que era a presidente da Fiel Tricolor, ela botava a garotada com a camiseta do Grêmio para ir para a volta da gente para torcer pelo Grêmio... Isso no tempo da Máquina Tricolor já. E da Força Azul também. A Coligay a gente sempre viajava mais junto, entendeu? Você comprava a passagem e vinha para o Rio quando não conseguia lotar um ônibus. A gente viajava, chegava de uma viagem, isso já no tempo tanto da Força Azul quanto da Coligay, chegava em Porto Alegre só descia e tinha outro jogo já, já descia e já embarcava no outro ônibus para ir para o outro lugar.

L.A. – E você se recorda como se deu o fim da Coligay? O que aconteceu?

O.R. – Quando o Coliseu fechou. O Volmar, se eu não me engano, foi para São Paulo e aí que a Coligay morreu, entendeu? Porque daí não tinha mais quem punisse, quem administrasse, foi aí que paralisou a Coligay, entendeu? Mas foi nesse momento em que o Coliseu fechou e aí a torcida Coligay praticamente desapareceu.

L.A. – É depois do fechamento teve uma tentativa de se manter ela durante algum tempo ou nem mesmo isso? A partir do fechamento do Coliseu e da mudança do Volmar, houve um esforço de tentar manter a torcida?

O.R. – Houve sim, mas não teve resistência mais, entendeu? Ai já não teve mais resistência, então aí teve essa paralisação.

L.A. – E aí, foi nesse momento que você fundou a Máquina Tricolor?

O.R. – Foi aí que eu fui... Começamos a frequentar o Bar do Ramon que ficava defronte ao Estádio Olímpico... Ali se encontravam os gremistas, foi como se fosse o mesmo início da minha vida de fundador de torcida organizada como foi da Força Azul: “Vamos fundar uma torcida, vamos fundar uma torcida?” “Vamos então fundar a Máquina Tricolor”. Aí a gente mandava fazer aquelas camisetas e vendia para todo mundo, todo mundo adquiria e

⁵³ Fluminense Football Club.

⁵⁴ Nome sujeito a confirmação.

aí foi vindo. Tanto é que na primeira entrada da Máquina Tricolor no estádio Olímpico nós saímos do bar do Ramon, fizemos a volta olímpica pelo Grêmio para entra na Geral com a faixa e bandeira e a bateria, onde todo mundo nos recebeu bem. Era bonito porque era assim, era coisa de escola e a gente tinha essa coisa de liderança, de formar uma coisa e estar junto por aquela coisa que a gente queria que se chamava Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

L.A. – E eu me lembrei daquela coisa da viagem que eu ia te perguntar, porque você antes falou da questão da viagem que vocês fizeram para São Paulo para torcer para o Corinthians, né? Que vocês receberam o convite do Vicente Matheus e foram lá. Você podia me falar um pouco de como é que foi aquele jogo?

O.R. – Aquele jogo nós fomos para o Estádio do Morumbi eu acho que era, todo mundo viu... E quando chegamos lá nós fomos saudados pela torcida do Corinthians, muito bem recebidos. Não foi muita gente, mas foi, vamos dizer, vinte, trinta carros em que a gente fez essa recepção ao Corinthians e *casualmente* o Corinthians ganhou da Ponte Preta; o Corinthians foi campeão e nós fomos saudados como heróis daquele jogo, aonde nós ficamos mais dois ou três dias em São Paulo por conta do pessoal da própria torcida do Corinthians, dos Gaviões da Fiel.

L.A. – E vocês foram para o jogo vestidos com roupas do Grêmio?

O.R. – Sim, sim. Vestidos com a roupa do Grêmio, bandeira do Grêmio, faixa da Coligay.

L.A. – Olha, que legal.

O.R. – Esse foi um momento lindo da história da Coligay. Eu agradeço muito ao Volmar, aos companheiros que fizeram parte da Coligay, agradeço muito o carinho que sempre tivemos perante todo mundo e respeito, tivemos uma recepção em qualquer lugar super tranquila, super boa, tanto em São Paulo quanto em qualquer outra parte do Brasil que frequentamos, nós sempre fomos bem recebidos.

L.A. – Bacana. E você se lembra de algum episódio de conflito, de briga com alguma outra torcida ou algo nesse sentido?

O.R. – Principalmente no interior do Rio Grande do Sul sim. Em diversos lugares teve muita... Desde o tempo da Eurico Lara, como do tempo da Coligay, como do tempo da Máquina Tricolor. No tempo da comunidade gremista, também sempre teve atrito sim. E essa guerra sempre havia porque Grêmio é Grêmio e a gente não perdoa acima de qualquer outra coisa. Nós somos gremistas, então nos temos que ser respeitados.

L.A. – E em alguma dessas ocasiões, desses confrontos aconteceu algo de mais grave? Alguma briga com arma de fogo ou alguma pessoa que tenha se machucado de forma mais grave?

O.R. – Não. Não havia arma de fogo naquele tempo, não havia arma branca naquele tempo. O que havia assim, era pedrada e como se diz... E bambuzada, era na base da porrada mesmo, não tinha nada de arma de fogo não... Como foi em Criciúma⁵⁵, quando nós perdemos para o Criciúma⁵⁶, porque praticamente ali nós íamos ser massacrados, no jogo em que o Criciúma foi campeão da Copa do Brasil, em que nós chegamos em Criciúma e desde que nós chegamos, nós chegamos apanhando com pedrada e nos defendemos, entendeu? E saindo de lá, sendo encurralados em um canto que a gente não podia nem se mexer. Mas arma de fogo não havia não.

L.A. – Você foi uma das pessoas que...

O.R. – Eu tenho uma história, por exemplo, aqui no Rio de Janeiro num jogo do Brasil, da Seleção Brasileira no Maracanã. Eu sai de Coelho Neto que é um bairro, vamos dizer, mais de uma hora de viagem pela Avenida Brasil. Eu, com uma bandeira de quase vinte metros ou mais, aberta com um bambu. A Beth⁵⁷, uma amiga minha aqui do Rio, ela é carioca, moradora daqui... Nós saímos da casa dela com dois bambus de quase cinco metros de comprimento, com a bandeira aberta pela Avenida Brasil até o Maracanã. Chegando no

⁵⁵ Cidade do Estado de Santa Catarina.

⁵⁶ Criciúma Esporte Clube.

⁵⁷ Nome sujeito a confirmação.

Maracanã meu bambu não passou só tinha que passar a bandeira porque a polícia não deixava... Lá a torcida do Flamengo⁵⁸, que eu tinha conhecimento com a Jovem do Flamengo, a Raça do Flamengo, conseguiram passar o bambu e me entregaram lá dentro do estádio para eu ficar com a bandeira aberta. Então, se havia sim, se tinha guerra, mas se tinha amigos também, se tinha consideração e isso era muito importante para gente.

L.A. – Bacana. E você se lembra como é que a Coligay era retratada na imprensa? Nos jornais?

O.R. – Super bem! Super bem! Super bem! Quando o Grêmio, em 1977, no primeiro ano, foi campeão Gaúcho nós fomos para a Zero Hora, para frente da Zero Hora. Eu vestido de mosqueteiro que eu tinha uma fantasia de mosqueteiro que eu vestia e fomos para frente da Zero Hora junto com o Paulo Sant´Ana⁵⁹ comemorar a vitória do Grêmio na frente da Zero Hora... Então, ela era recebida pelos jornalistas, pela crônica, por todo mundo, sempre foi bem recebida sim.

L.A. – E teria algum jogo ou algum título ou algum momento que você destacaria como especial na história da Coligay, na sua trajetória da Coligay?

O.R. – É como eu te disse, eu acho que a melhor lembrança minha é saber que nós desfilamos dentro do... Sendo convidado sim pelo Internacional para querer desmoralizar o Grêmio... A Coligay desfilou antes do jogo dentro do Beira Rio, então, aquilo foi maravilhoso, acho que não tem outra história melhor de lembrança do que saber que nós desfilamos dentro do Beira Rio.

L.A. – Legal. E o Campeonato Brasileiro de 1981, que vocês conquistaram, você ainda fazia parte da Coligay?

O.R. – Não, em 1981?

L.A. – Isso.

⁵⁸ Clube de Regatas Flamengo.

⁵⁹ Francisco Paulo Sant´Ana.

O.R. – Em 1981 eu já estava... Não, não estava na Máquina... Não, a Máquina foi fundada... Eu acho que foi 1981 que a Máquina foi fundada, eu acho que já estava na Máquina sim, eu não me lembro bem, mas eu acho que já estava, já não fazia parte da Coligay não, eu já não estava mais...

L.A. – Você consegue se recordar mais ou menos quando que se deu o fim da Coligay, essa mudança do Volmar, o fechamento do Coliseu?

O.R. – Não sei se foi no ano de 1979, 1980, eu acho que foi... Eu acho que 1979, 1980 eu acho, que foi finalizada a Coligay. Não tenho certeza disso não...

L.A. – Sim, os títulos do Brasileiro, da Libertadores e do Mundial de 1983 você já estava na Máquina Tricolor?

O.R. – *Siiiiim*, onde naquela época com reunião com o Departamento Eurico Lara foi esquematizado que cada torcida ficaria num setor, um atrás, outras na frente, outras do lado e naquele tempo... Na Libertadores contra o Peñarol⁶⁰, a Máquina Tricolor estava na social defrente onde era o Departamento Eurico Lara, ali era o momento de nós ter que fazer a torcida do Grêmio na social levantar, movimentar e fazer o carinho... Tanto é que quando o Grêmio foi campeão eu fui parar lá no hospital dentro do Grêmio lá porque eu tinha passado mal, mas mesmo assim eu voltei porque era muita bebida ai eu voltei novamente para comemorar. Isso eu lembro claramente. Em 1983, quando eu fui a Tóquio, aí já foi outra coisa, aí foi dois de uma torcida, dois de outra, dois de outra e uma da Máquina, que eu fui representando a torcida... Ao voltar eu fiz um churrasco com o dinheiro que eu arrecadei em Tóquio e uma lembrança para cada componente da Torcida. Era caneta, era camiseta, era coisa... E lá em Tóquio, por exemplo, as amizades que eu fiz com essa faculdade, essa universidade de Tóquio, onde eu vendia camiseta e aí o pessoal saía comigo. Se nós fossemos numa boate ou num restaurante eu cobrava o autógrafo. Foi aí que eu arrumei dinheiro para voltar para o Sul e fazer um churrasco com o que eu tinha arrecadado em Tóquio.

⁶⁰ Club Atletico Peñarol.

L.A. – E, Osmar, era comum que a Coligay fosse alvo de ofensa ou de piada por meio de outros torcedores?

O.R. – Não, disso eu não me lembro não, de ser... De tirarem sarro:, “Ah, Coligay”. Nada disso! Ela era respeitada sim. Foi uma das grandes torcidas e era *respeitadíssima* em qualquer centro, em qualquer encontro, em qualquer lugar. Todo mundo tinha valor e dava um respeito muito grande a Coligay.

L.A. – E o que você acha que faz com que ela continue sendo lembrada mesmo quarenta anos depois que ela já acabou?

O.R. – Bom, o que ela é lembrada e vai ser eternamente lembrada porque ela foi a primeira e única, vamos dizer no mundo, em que os gays enfrentaram um estádio, num estado preconceituoso, que todo mundo fala, que falam que é um estado racista, um estado de moral... E ela foi respeitada, e vai ser respeitada eternamente como a Coligay! Ela é eternamente, vai ser eternamente lembrada sempre. Porque nunca teve outra, aqui no Rio, o Flamengo, tentaram fazer, não conseguiram. O Fluminense tentou fazer e não conseguiu. Em outros estados também, tentaram fazer uma torcida gay, mas não conseguiram fazer. Porque simplesmente não tinham o peito que nós tivemos para fazer.

L.A. – E finalizando... Osmar você alguma vez fez parte ou faz parte de algum grupo de militância gay ou LGBT⁶¹?

O.R. – Como é que é?

L.A. – Se você já fez parte ou faz parte de algum grupo de militância gay?

O.R. – Não, nunca fiz parte de militância gay... Eu acho, como eu te disse, nada se procura fazer por alguém. Ou é por mim ou por ninguém e isso eu sou contra, porque eu também não sou militar, nunca fui militar, mas eu tenho um ritmo de ser tipo um ditador. Eu não

⁶¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

admito que as pessoas façam parte de um grupo de racismo que tentam se proteger. Eu, que queiram aparecer na mídia. Eu, que queira ser famoso. Eu. Eu penso nos outros. Esse negócio de movimento gay, por exemplo, a passeata gay, eu falo de Copacabana, dizem que bota um milhão de pessoas, mas não tem nada que falem de alguma coisa, que transmitam às pessoas alguma coisa de interesse do bem. Eles fazem ali um movimento de um carnaval fora de época e não apresentam nada de direito. O movimento negro a *mesma* coisa. Só correm atrás quando alguém diz: “Esse negro!” Mas esse negro não quer dizer que é preconceito. Eu tenho aqui uma senhora que é mãe do meu amigo e que eu chamo de minha mãe negra, é uma senhora com quase noventa anos que mora em Belford Roxo⁶². Eu não deixo de lembrar dela nos dias da mãe e no dia do aniversário e quando eu chego na casa dela ela fala a mesma coisa para todo mundo: “Eu tenho que fazer a comida para o meu filho branco que está chegando”. E quando eu chego: “A tua mãe já está te esperando seu Osmar”. Então isso! As coisas que eu sou contra essas coisas de racismo, essas coisas de homofobia... Eu aqui na minha casa, onde eu moro, a mulherada vive na minha casa, mas vocês sabem se dar ao respeito, você sabe ser quem é, você sabe dizer o que você quer e o que não quer, então, isso que é as coisas... Você tentar fazer algo de bem para alguma coisa... Nunca fiz parte de movimento gay, nunca fiz parte de movimento de passeata de coisa para promover a minha pessoa. O meu movimento sempre foi em amizade, em um ajudar o outro, um precisar do outro. É esse o movimento que eu faço.

L.A. – E Osmar, a epidemia de AIDS da década de 1980 ela afetou a Coligay ou os seus integrantes de alguma forma?

O.R. – *Muito* pouco. Que eu saiba, *muito* pouco, que eu posso dizer que morreu de AIDS, entendeu. É uma coisa... De que a AIDS naquele tempo afetasse a Coligay ou qualquer uma ou outra pessoa... Eu aqui, por exemplo, eu fui amigo do Cazuza⁶³, que eu trabalhava no Scala Rio, que era uma casa de shows, onde eu conheci o Cazuza lá, onde eu frequentei a casa dele depois... O cabeleireiro Serginho⁶⁴ também, que morreram de AIDS, mas era uma coisa muito difícil, porque era muito volúvel o que as pessoas faziam, então, não tinham o respeito, como hoje ainda não têm respeito. As pessoas vão transar sem

⁶² Município do Estado do Rio de Janeiro.

⁶³ Agenor de Miranda Araújo Neto [Cazuza].

⁶⁴ Nome sujeito a confirmação.

camisinha, sem se cuidar, sai com um, sai com outro... Eu acho que naquele tempo não afetou tanto a Coligay não.

L.A. – Osmar, das minhas perguntas foi isso. Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar, enfatizar, que eu não tenha te perguntado e que você gostaria de deixar registrado?

O.R. – Olha, eu não sei, eu acho que eu não tenho algo que eu possa dizer que você não tenha me perguntado. Se mais tarde surgir, assim, eu entro em contato contigo e te passo alguma coisa, mas a princípio não. É aquilo que eu te digo: você está me chamando de Osmar e eu, perante a torcida do Grêmio, sempre fui tratado com muito carinho como Careca da Máquina, o Careca da Máquina.

L.A. – Eu devia até ter perguntado isso no começo, né? Você você preferia que eu te chamasse de Osmar ou de Careca.

O.R. – Com certeza sempre foi, aí é um orgulho meu, é ser tratado ainda de Careca da Máquina. Para mim é muito importante, é muito carinhoso, é muito amoroso, nunca me ofendi por isso, sempre tive orgulho de mim, Careca da Máquina.

L.A. – Então registrarei aqui na entrevista como Careca da Máquina. Muito obrigada mesmo pela entrevista, Careca.

O.R. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]